

A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NA INDÚSTRIA ARTÍSTICA: O ROMPIMENTO DE PARADIGMAS SOCIAIS SOB O OLHAR DOS DIREITOS HUMANOS

LA REPRESENTATIVIDAD DE LAS MUJERES EN LA INDUSTRIA ARTÍSTICA: EL INCUMPLIMIENTO DE LOS PARADIGMAS SOCIALES BAJO LA MIRADA DE DERECHOS HUMANOS

Caio Augusto Souza Lara ¹
Talita Ferreira de Brito dos Reis ²
Wilson de Freitas Monteiro ³

Resumo

A pesquisa pretende abordar a problemática em torno da representatividade da mulher na indústria do entretenimento, a partir dos desafios de efetivação dos direitos humanos, notadamente quanto ao princípio da igualdade. Discute-se os desafios das artistas em conseguir remuneração equivalente e destaques nos papéis relevantes em filmes, bem como a construção do estereótipo negativo do gênero feminino. Destaca-se o modo de luta presente no movimento feminista em busca do fortalecimento da imagem da mulher em contraposição ao paradigma tradicional.

Palavras-chave: Direitos humanos, Representatividade, Mulheres, Feminismo

Abstract/Resumen/Résumé

La investigación tiene como objetivo abordar las cuestiones en torno a la representación de las mujeres en la industria del entretenimiento, desde los desafíos de la aplicación de los derechos humanos, especialmente en el principio de la igualdad. Cuáles son los retos de los artistas en el logro de la igualdad de retribución y pone de relieve los papeles relevantes en películas, así como la construcción del estereotipo negativo de la hembra. Cabe destacar la manera de combatir esto en el movimiento feminista por la imagen de capacitación de las mujeres en comparación con el paradigma tradicional.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Derechos humanos, Representatividad, Mujeres, Feminismo

¹ Mestre e Doutorando em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Professor da Escola Superior Dom Helder Câmara.

² Graduanda em Direito, modalidade integral, pela Escola Superior Dom Helder Câmara e graduanda em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Graduando em Direito pela Escola Superior Dom Helder Câmara.

1. Considerações Iniciais

O tema da pesquisa que se pretende desenvolver é a representatividade da figura feminina nos ramos da indústria artística. Para isso, analisam-se os diversos artifícios midiáticos existentes de desvalorização do trabalho e do papel da mulher e a crescente necessidade de diálogos e construções de críticas sociais, tendo em vista a enorme influência da mídia no imaginário social sob a perspectiva dos direitos humanos.

O problema fundamental do trabalho proposto é: em que medida as mulheres, como integrantes de um grupo historicamente vítima de opressão têm alcançado uma representatividade que apresente a imagem feminina de modo digno e verossímil no contexto das artes e em seus meios de comunicação na contemporaneidade?

O objetivo geral do trabalho é analisar como a imagem da mulher é representada atualmente no meio artístico, através da análise de todo o processo histórico que a trouxe à atual conjuntura de sociedade e a sua repercussão como modo de viabilização de direitos humanos. São objetivos específicos da pesquisa: verificar a constante luta social das mulheres contra preconceitos e estigmas existentes em demasia; constatar a relevância que o debate sobre as diversidades sociais e de gênero vem tendo na contemporaneidade; verificar como a questão da representatividade nas grandes artes tem sido alterada no decorrer dos anos e se tal mudança possui caráter evolutivo; examinar o embate fortemente presente contra o sexismo dominante, ainda que de modo velado, nas artes representativas; analisar a representatividade em âmbito internacional, através da escalação de pessoas de culturas diversas das dos tipos padronizados em papéis estigmatizados e a repercussão ocasionada pelo processo de transformação da indústria cinematográfica, que acarretou em uma maior inclusão de tais grupos em papéis de maior destaque na contemporaneidade.

A pesquisa que se propõe pertence à vertente metodológica jurídico-sociológica. No tocante ao tipo de investigação, foi escolhido, na classificação Gustin (2010), o tipo jurídico-projetivo. Em frente à amplitude e complexidade do tema, o trabalho se propõe a refletir a flagrante necessidade de respeito aos direitos humanos quanto à expressão do feminino na indústria do entretenimento.

2. Sexo, Construção de Gênero e de Identidade

Por ter enraizada uma historicidade patriarcal, o ocidente fomentou através de suas instituições, como a igreja, a família, e, posteriormente, as mídias de grande difusão, o

patriarcalismo de tal forma que até nos dias de hoje observam-se reflexos da imposição da superioridade do homem sobre a mulher. A referida submissão é muitas vezes vista como algo natural e não como consequência de costumes reiterados por grande parte das sociedades. Simone de Beauvoir exemplifica a situação em que os seres humanos, como seres sociais, desde a sua infância, são estigmatizados e atribuições específicas lhes são conferidas somente por terem nascido com esse ou aquele sexo. Em seu livro *O segundo sexo*, a autora explica

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa sorte do menino está em sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em sua rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. [...] Porém, o mais importante é que não há oposição fundamental entre a preocupação dessa figura objetiva, que é a sua, e sua vontade de se afirmar em projetos concretos. É fazendo que ele se faz ser, num só movimento. Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu “ser-outro”; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino. (BEAUVOIR, 2016, p. 24)

Não há nada de natural, na perspectiva de Beauvoir, nos adjetivos e funções que são atribuídos aos seres humanos por seu sexo, fazendo a ressalva de que esse sim é natural, é algo que não depende da opinião ou da conformação da sociedade. Sexo é definido na concepção do indivíduo e que, mesmo sendo assim, pode ocorrer de nascerem os que se chamam intersexuais, possuidores de dois órgãos reprodutores ou outras disfunções genéticas. Logo, relacionar o sexo com o gênero é sim possível, mas não é a única alternativa e também não é algo definitivo. Mais uma vez, tem-se o exemplo dos intersexuais que por questões da sua fisiologia podem se identificar seja como o gênero masculino, seja como o feminino e ainda assim possuir um sexo não definido.

Judith Butler, assim como Simone de Beauvoir, diz que o gênero passa por uma construção social. Segundo ela,

Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim *torna-se* mulher decorre que *mulher* é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto intervenções e ressignificações. Mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas formas mais reificadas, a própria ‘cristalização’ é uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por vários meios sociais. (BUTLER, 2016, p. 69)

Sendo essa construção um fenômeno resultante do tempo e do espaço em que vivemos, têm-se que é mutável o significado atribuído ao significante “mulher”. Uma vez tendo sido percebido socialmente um movimento de represália quanto às liberdades individuais das mulheres, impedindo seu desenvolvimento como ser autônomo, dotado de vontade própria, se faz necessário perceber quais são os mecanismos utilizados para que haja essa coerção para que, posteriormente, eles sejam combatidos. As grandes mídias têm um papel fundamental alimentando o imaginário social, é graças a elas que as culturas, as histórias, os eventos sociais podem ser difundidos com fluidez e fácil acesso. Em contrapartida, elas também são imensamente responsáveis pelo reforço de estereótipos, sejam eles bons ou ruins para aqueles a quem são atribuídos. Judith Butler (2016) ressalta que o orgulho ou não se ser quem é, de exteriorizar os ensinados que se tem ao longo da vida a ser de forma plena ou não, diz respeito ao encaixe social, derivado da cultura e do contexto em que se está inserido, conjuntamente ao conforto e aceitação de reconhecer-se como tal, como sujeito da própria vida. Ainda segundo ela,

O enunciado ‘eu me sinto mulher’, proferido por uma mulher, ou ‘eu me sinto homem’, dito por um homem, supõe que em nenhum dos casos essa afirmação é absurdamente redundante. Embora possa parecer não problemático *ser* de uma dada anatomia (apesar de termos de considerar adiante as muitas dificuldades dessa proposta), considera-se a experiência de uma disposição psíquica ou identidade cultural de gênero como uma realização ou conquista. (BUTLER, 2016, p. 51)

Na perspectiva da referida autora, então, para que os indivíduos sejam reconhecidos como sujeitos por si mesmos e reconhecidos pelo meio em que se encontram, há a conjugação de experiências físicas e psicológicas personalíssimas, sendo esses fatores definidores das identidades particulares.

3. Reconhecimento do Sujeito e a Influência da Mídia Internacional

Viola Davis (2015), durante sua premiação de melhor atriz na 67ª Edição Anual dos *Primetime Emmy Awards*, afirmou em seu discurso que o único aspecto a separar mulheres negras de todas as outras é a oportunidade, exaltando que o maior problema que atrizes negras passam constantemente é a falta de inclusão em papéis relevantes que causam a inexistência de indicações aos grandes prêmios. Percebe-se aqui um dos fatores que são fundamentais no exercício dos papéis sociais que são atribuídos aos indivíduos, independentemente de suas vontades particulares. O fato de ser negro(a) reflete no modo como a indústria te percebe

como indivíduo e, ao ganhar o referido prêmio, Davis atravessa a linha a que se refere, abrindo precedente para que outras mais também a alcancem.

A representatividade feminina dentro da indústria artística na contemporaneidade é uma das questões que devem ser tratadas ao se promoverem discussões no que tange à efetivação dos Direitos Humanos. Essa questão se dá devido à morosa adaptação da sociedade em entender a representatividade em culturas e grupos sociais diferentes entre si.

O liame que se estabelece entre representação e representatividade tem ligação direta com as questões de minorias e de gênero. Para Moscovici (2000), o conceito de minoria não é quantitativo, e sim político, desse modo é relativo à representação de poder. Sob esta interpretação, a representação da mulher pela mídia ficcional em sua maioria, se dá por meio dos artifícios da cultura masculinizada dominante, demonstrando uma visão ainda marcada pela relação de poder em que o homem é visto como o mais forte dos gêneros, e, em contrapartida, o discurso feminino é visto como fútil e menos importante. Os estereótipos sobre a mulher sempre apareceram como elementos comuns, rotulando e condicionando as atrizes a personalidades pouco consistentes e, em sua maioria, irrelevantes.

Entende-se que numa perspectiva de discurso de gênero mais abrangente, é necessário que se caminhe para uma efetiva representatividade das minorias. Um posicionamento capaz de destacar a inconformidade perante representações estereotipadas é defendido por Moscovici (1991, p. 79):

A presença ou ausência de uma posição definida, de um ponto de vista coerente, de uma norma própria, é que converte uma minoria em uma pessoa ativa ou passiva em suas relações sociais. Assim, “o primeiro sinal distintivo de uma minoria, autora de um processo de inovação, está relacionado com sua oposição consciente à norma da maioria e com sua adesão firme, com sua defesa de uma contra-norma que fazem dela um sócio ativo potencial nas relações sociais. (MOSCOVICI, 1991, p. 79)

Nesse sentido, tem-se a proposta do que pode ser um primeiro passo na transformação do modelo antiquado de representação na perspectiva do grande público. Evidencia-se a necessidade de se estabelecer um posicionamento por parte dos espectadores, frente ao padrão apresentado pela indústria artística, levando as pessoas à reflexão sobre o que esse mercado específico oferece de consumo e acabem por se tornar mais ativos nas questões referentes a gênero, grupos minoritários e papéis sociais.

É evidente a necessidade de reformulação da retratação feminina nas grandes mídias, que se torna derradeira a certo palato estético, enquadrando-se como problemas passíveis de discussões sob a visão de estudos socioculturais. As mídias, por criarem uma figura folclórica da mulher, acabam por fomentar preconceitos e estereótipos que se projetam através dos

tempos. A título de exemplificação, tem-se a apreciação apenas da beleza jovem feminina, estigmatizando sua sexualidade e refletindo na hipersexualização de adolescentes, que iniciam sua vida sexual cada vez mais cedo. Os estudos culturais acerca do tema surgiram na década de 1950 e, à medida que foram se desenvolvendo, ofertaram uma importante ótica sobre os meios de comunicação de massa, podendo produzir uma interpretação relativa a esse tema de construção negativa (DALMONTE, 2002; SANTOS, 2013).

Os denominados estudos culturais caracterizaram-se por pesquisas a respeito do consumo cultural da classe operária inglesa que catapultou o desenvolvimento e aprofundamento sobre o estudo referente à interação entre a sociedade e a mídia. Nesse sentido, crê-se que os fatores culturais influenciam o posicionamento do indivíduo diante dos produtos da cultura de massa. (DALMONTE, 2002). Segundo Dalmonte (2002, p. 68), “a diversidade cultural é responsável por distintas formas de apropriação e consumo da produção massiva. É exatamente aí que reside o ponto central da tese culturalista: verificar como se dá a apropriação do discurso difundido pelas mídias”.

Portanto, observa-se a importância que a cultura, alimentada pelo conteúdo difundido nas mídias, exerce na formação dos cidadãos como personalidades autênticas e de das sociedades como reunião desses indivíduos. Oferece-se uma vasta possibilidade de significados e valores que, entretanto, são manipulados de acordo com o tempo e o espaço em que se vive. O arcabouço da indústria midiática, principalmente no meio audiovisual em seus mais cem anos de existência, funciona como um formador de diretrizes comportamentais e de rotulação de indivíduos em massa.

4. A Reformulação da Imagem da Mulher e os Impactos no Imaginário Social

A adaptação da indústria do cinema às novas conjunturas de sociedade vem tendo êxito na conquista do público que clama por equidade nos mais variados sentidos. *Star Wars: O Despertar da Força* representa um marco na luta por representatividade de Minorias, dando continuidade a uma franquia iniciada no final dos anos 70, que retornou às suas origens ao resgatar o espírito de sua concepção original trazendo três personagens fortes como protagonistas, do mesmo modo que fizera em seu início.

O sétimo capítulo da ópera espacial segue as aventuras de Rey, Finn e Poe Dameron pela galáxia tão distante, buscando Luke Skywalker, o herói de outrora. Na aventura, trinta anos após *O Retorno de Jedi*, o capítulo anterior, a galáxia encontra-se em uma nova conjuntura, fazendo com que seus protagonistas saiam de seu mundo comum e mergulhem em

uma aventura que os transformará para sempre. Um primeiro fator positivo observado na trama é a presença de um elemento narrativo que em sua maioria contempla homens quando aplicado, que é a estrutura do *monomito*, elemento conhecido em toda a franquia *Star Wars*, que se trata de um estudo demonstrativo de como todas as grandes histórias tem um ciclo fechado e leva o personagem à superação de alguma circunstância desfavorável em algum momento da história (CAMPBELL, 2008).

O grande diferencial de *O Despertar da Força* é o equilíbrio entre o espírito pré-estabelecido pelos filmes anteriores e a adaptação aos contornos que a sociedade vem tomando atualmente. É o primeiro filme da franquia que possibilita extrair uma noção de representatividade como um elemento necessário, por apresentar a indústria cinematográfica como um catalizador da efetivação dos Direitos Humanos Universais. Rey, personagem vivida pela atriz Daisy Ridley, é uma mulher cis¹ que não depende de nenhum fator alheio a ela, senão da qualidade da performance da atriz para desempenhar seu papel brilhantemente na trama. Finn e Poe não possuem características claras que delimitem etnias, sexo ou gênero, ao contrário de Rey que as deixa mais em evidência. Ainda assim, o filme é bem representado, pelo fato de John Boyega, um ator negro, e por Oscar Isaac, ator de origens latinas, dar vida à Poe Dameron. Ambos os protagonistas são representantes de Minorias nos Estados Unidos, país da produção desse e de mais outros grandiosos filmes, influentes na cultura pop e, conseqüentemente, no imaginário social.

Positivamente, por em nenhum momento retirar o espaço dos outros protagonistas, Rey é a personagem que rouba a cena dentro do trio principal, e no filme como um todo. Ressaltando que, nesse caso, a imagem da mulher não foi atrelada ao amor romântico, como é comumente feito entre as heroínas das narrativas cinematográficas. A noção apresentada no filme é de uma representação feminina que excede as expectativas da luta social por mais respeito e equidade de gêneros, portanto, passando em testes de representatividade e demonstrando novas perspectivas de diretrizes para a vida.

Os testes de representatividade são medições que determinam como uma produção artística apresenta uma imagem positiva da mulher. O Teste de *Bechdel*, segundo o site *FeministFrequency* (2009), foi um ensaio criado pela cartunista Allison Bechdel em 1985, no gibi *DykestoWatchOut For* que intenta estabelecer a presença ativa de mulheres em filmes e a qualidade consecutiva dessa presença. Para que um filme se adeque ao teste, ele deve ter essencialmente três elementos: (i) a narrativa deve contar com mais de uma personagem

¹ Indivíduo que nasce com determinado sexo e reconhece-se, através de sua criação, de sua cultura e de elementos psicológicos internos, como o detentor do gênero que lhe é socialmente atribuído.

mulher com nome próprio e falas; (ii) ao menos duas delas conversam entre si; e (iii) esses diálogos devem ser sobre algo que não seja um homem (SARKEESIAN, 2009). O teste foi inspirado pelas constatações de Virgínia Woolf em 1929, em seu experimento *A Room of One's Own*, no qual, entre outras alegações, ela afirma que na literatura as mulheres nunca são tratadas como parceiras entre si, apenas amantes de homens.

O *Bechdel* é um modelo válido de identificação em torno da valorização ou não do papel da mulher na sociedade através de sua representação audiovisual. No entanto, o teste não é absoluto, pelo fato de muitos filmes não se enquadrarem em seus elementos, mas apresentarem mulheres fortes e autossuficientes. Neste diapasão, surgiu o teste *Mako Mori*, uma forma de constatação de apresentação feminina verossímil baseada na personagem homônima a esse teste, co-protagonista do filme *Círculo de Fogo* (2013), interpretada pela atriz japonesa Rinko Kikuchi. O *Mako Mori* é uma experimentação que descreve como noção básica de seus elementos para uma efetiva representação: a presença de ao menos uma personagem feminina que tenha um arco próprio e sem relação a nenhum homem.

A questão principal que distancia os testes, mas que os torna congruentes e passíveis de coexistência, é o intuito de constatação de cada um. Enquanto o *Bechdel* visa dosar a expressividade em quantidade de mulheres em um determinado contexto narrativo, o *Mako Mori* verifica o modo de apresentação da figura feminina através de seu personagem, mesmo que essa não divida o espaço de tela com outras personagens. Nenhum dos dois realmente faz com que um filme seja a medição máxima de representação das mulheres na sociedade como um todo, mas são modelos de constatação que vem mostrando eficácia, e *Star Wars: O Despertar da Força* se mostrou como um dos filmes que mais conseguiu se encaixar nos requisitos de ambos os testes, que mais propagou o ideal de representatividade nos últimos tempos.

A indústria cinematográfica reflete vários problemas referentes ao sexismo, tanto em telas quanto nos bastidores. Um gráfico elaborado pela *New York Film Academy* (2013) apresenta um estudo que mede os problemas que afetam atrizes de todas as idades e comprova que o aparente espírito representativo e desconstruído não se projeta em todos os sentidos, e são ocasionados em sua maioria por desigualdade salarial e desigualdade de gênero, fruto essa de um processo de estereotipação globalizado. Outro elemento comprovado pelo gráfico é a temática do período de habilitação para o apogeu dos homens e das mulheres, sendo que o grupo privilegiado tem uma vida artística mais longa, consequência do apreço apenas pela beleza jovem feminina, que descarta quaisquer características de outras idades (ZURKO, 2013).

Em 2013, a revista *Forbes* elaborou uma pesquisa estruturando uma lista de dados das dez atrizes que obtiveram a melhor receita anual da indústria, em comparativo com os dez atores melhor pagos, analisando um déficit de quase trezentos milhões de dólares quando comparadas ao grupo social privilegiado, verificando também que os dezesseis melhores salários daquele ano foram para homens. Outro dado gritante alcançado pela pesquisa foi a constatação do salário de Angelina Jolie, a mulher que ocupou o primeiro lugar da lista com o maior salário de 2013, desbancando apenas um homem do top 10 masculino, Liam Neeson, ator que ocupou o último lugar de sua lista. (POMERANTZ, 2013).

O que se percebe, tornando incongruentes quaisquer defesas à defasagem salarial relatada anteriormente, é a voga em torno da atriz trazida por seu papel em *Malévola*, filme lançado em período próximo ao da época da pesquisa, que dividiu a crítica especializada, mas recebeu grande apoio do público, por ser considerado um dos melhores do ano ao apresentar uma desconstrução palatável do feminino estereotipado, através da releitura do clássico conto *d'A Bela Adormecida* que é considerado um marco na carreira de Angelina (MALEFICENT, 2014). Contudo, ainda assim toda a relevância social que o ideal de empoderamento abordado em seu filme trouxe, foi ofuscado em certa medida no âmbito salarial, por filmes protagonizados por homens, muito menos populares e com personagens bastante inconsistentes.

Algo contra produtora é verificado através dos anos, que é a necessidade do reconhecimento da qualidade do trabalho e a reformulação salarial das atrizes, que não sofreram nenhuma evolução significativa, mantendo a disparidade estagnada até os dias de hoje. Mesmo quando filmes que demonstram uma maior representatividade são bem recebidos pelo grande público, demonstrando forte clamor social, e trazendo a mulher com uma imagem melhor representada, a realidade fática por trás das câmeras, do reforço de estereótipos de anos de cultura patriarcal é algo contraditório em relação à evolução da sociedade e desanimador.

Assim sendo, segundo Silveira (2009), “O Estado Moderno não conseguiu de fato universalizar os direitos humanos de feição individualista e liberal”. Nesse diapasão, entende-se que na sociedade atual não é mais admitido o reforço de estereótipos quando referentes a pessoas de culturas, etnias e grupos minoritários diversos. Cabe à indústria midiática se adaptar cada vez mais a um modelo que vise representatividade, destacando positivamente as minorias sociais em suas produções, de modo a se demonstrar como potencial catalizador de difusão dos direitos humanos.

5. Considerações finais

A situação da indústria vem sim se alterando, abrindo portas para o processo de transformação da sociedade, constatando um modelo de empatia em relação à luta das feministas, por ser uma causa de ganho social. Todavia, esse tem sido um processo lento e paulatino, mesmo que a cada dia mais representatividade venha a ser efetivada, pelas sociedades possuírem um caráter conservador arraigado, são grandes os obstáculos impostos para que a realização dessas lutas por maior representatividade e reconhecimento se deem de maneira plena.

Há um distanciamento entre o que a indústria pratica como o meio mais viável de lucros e de capitalização e aquilo que o público global e diversificado realmente quer consumir desse mercado, alimentando uma distorção do imaginário social, e, baseando-se em um processo histórico de estigmatização do feminino que é mais favorável às grandes mídias, acaba por demonstrar efemeramente nas telas o resultado das lutas sociais, mas que por trás, como no exemplo da disparidade salarial, os resultados na vida real são ainda mais frágeis.

Resta o investimento em uma reeducação popular, fomentando diálogos e discussões acerca do tema aqui discorrido, para que o espectador que não se atenta às reflexões passe a fazer parte dos polos ativos no processo de desconstrução da projeção de uma imagem retrograda e machista, saindo da zona que lhe é confortável.

A questão da representatividade não é pauta vencida, é uma das pautas que mais estão em voga e são de construção, mesmo que lenta, de imagens fortes e diversas, oferecendo posições e perspectivas de mundo diferentes para aqueles que não se encaixam naquelas pré-estabelecidas. Como resultado, espera-se a desconstrução de uma sociedade machista, patriarcal e retrógrada. Traçando um paralelo entre a luta feminista como meio de efetivação de Direitos Humanos, e uma análise tênue sob a ótica do direito social e econômico, percebemos por parte da indústria cinematográfica, como o forte propulsor monetário que é, um consistente modelo de exploração em cima de suas criações, que visam muito mais capitalizar através dos efeitos gerados por suas produções, na sociedade, e não um modo de extrema potencialidade de preconizar a propagação do respeito e equidade entre gêneros e grupos minoritários. A mídia também possui função social, a de conscientização é uma delas.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. Volume 2. Tradução Sérgio Milliet. 3ª ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 2003.

CAMPBELL, Joseph. **The Hero with a Thousand Faces**. Princeton: Princeton University Press, 1968, p. 30 / Novato, Califórnia: New World Library, 2008, p. 23.

DALMONTE, Edson. **Estudos culturais em comunicação: da tradição britânica à contribuição latino-americana**, 2002. Disponível em: <http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/dalmonte.pdf>. Acesso em 14/03/2017.

DAVIS, V..(2015, 20 setembro). **Viola Davis Gives Powerful Speech About Diversity and Opportunity | Emmys 2015**. [YouTube]. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=gXcT213XYlA>>. Acesso em 14/03/2017.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa; DIAS, Maria Tereza Fonseca. **(Re)pensando a pesquisa jurídica: teoria e prática**. 3ª. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2010.

MAGALDI, Carolina Alves; MACHADO, Carla Silva. **Os testes que tratam da representatividade de gênero no cinema e na literatura: uma proposta didática para pensar o feminino nas narrativas**. Portal de periódicos, Universidade Luterana do Brasil. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1588>>. Acesso em 14/03/2017.

MALEFICENT. **RottenTomatoes**. Avaliação da Crítica. 2014. Disponível em: <https://www.rottentomatoes.com/m/maleficent_2014/>. Acesso 14/03/2017.

MOSCOVICI, Serge. **Social representations**. Explorations in social psychology. Cambridge: Polity Press, 2000.

POMERANTZ, Dorothy. **Angelina Jolie Tops Our List of Hollywood's Highest-Paid Actresses**. Forbes, New York, 11 jul. 2013. Negócios. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/dorothypomerantz/2013/07/29/angelina-jolie-tops-our-list-of-hollywoods-highest-paid-actresses/#54b1cf9f793e>>. Acesso em 14/03/2017.

SANTOS, Maíra. **Construções imaginárias da velhice feminina no cinema Brasileiro Contemporâneo**. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SARKEESIAN, Anita. **The Bechdel Test for Woman in Movies**. FeministFrequency, 7 dec. 2009. Disponível em: <<https://feministfrequency.com/video/the-bechdel-test-for-women-in-movies/>>. Acesso em 14/03/2017.

SILVEIRA, Edson Damas. **Direitos Fundamentais Indígenas, Movimento Socioambiental e a Formação na Modernidade**. Veredas do Direito. Disponível em: <<http://www.domhelder.edu.br/revista/index.php/veredas/article/view/157/131>>. Acesso

em 14/03/2017.

WOOLF, Virginia. **A Room of One's Own**. New York: Harcourt Brace & Co., 1989.

ZURKO, Nicholas. **Gender Inequality in Film**. New York Film Academy Blog, New York, 25 nov. 2013. Infográficos. Disponível em: <<http://www.nyfa.edu/film-school-blog/gender-inequality-in-film/>>. Acesso em 14/03/2017.